

## **PROJETO DE EDUCAÇÃO EM SAÚDE**

**Leonardo Antunes Azevedo, Halana Faria Andrezzo, João Paulo Mello Silveira, Bruna Ballarotti, Simone Alves, Maiara Dalcegio, Murilo Coutinho, Fabíola de Moura Cremonese, João Marten Teixeira, Cinara Buriol Zanuzo e Vicente Rocha**

Acadêmicos do Curso de Medicina da UFSC

**Maria Cristina de Sousa Santos Faversoni**

Professora do Departamento de Saúde Pública da UFSC

extensaoufsc@yahoogroups.com

### **Resumo**

As atividades do projeto de extensão de educação em saúde – PES, apresentadas neste artigo, direcionaram-se para o conselho comunitário dos moradores do Saco Grande (COMOSG) – Florianópolis, com o objetivo de posicionar a educação como instrumento de conscientização, libertação e transformação. O projeto trabalhou diferentes temas, buscando despertar um reconhecimento mais amplo da realidade e desenvolvimento de uma autonomia crítica frente aos vários elementos que os cercam e determinam sua saúde e condições de vida.

**Palavras-chave:** educação popular em saúde, promoção à saúde, atenção a adolescentes, educação médica.

### **Introdução**

Muitas são as mudanças que têm marcado a política de saúde brasileira nos últimos anos, em especial também a formação médica. A superação do antigo paradigma biologicista, intervencionista e tecnocrata de medicina em curso visa a construção de melhores condições de vida e saúde para a maioria da população, em que estejam garantidos os princípios da universalidade, da equidade e da integralidade (promoção, prevenção e recuperação de saúde entendidas na forma interdisciplinar).

O conceito de Promoção de Saúde, divulgado durante a Conferência Internacional de Promoção de Saúde, 1986, na cidade de Ottawa – Canadá, extrapolou os limites da atuação dos profissionais dos serviços de saúde, por estabelecer como necessária a relação entre políticas setoriais e comunidade. No documento, a saúde vista

sob ampla abordagem como recurso para o progresso pessoal, econômico e social, transcendendo a esfera sanitária, exige como requisitos para sua garantia paz, educação, sustentabilidade ecossistêmica, alimentação, renda, justiça social e equidade. Para tanto é fundamental uma nova forma de interagir com as comunidades e a educação popular, processo pedagógico criado por Paulo Freire, surge como um dos instrumentos fundamentais nesse processo.

O trabalho de Paulo Freire oferece um novo conceito de pedagogia, definindo que “os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Seu surgimento, junto com outros tantos movimentos intelectuais, data das décadas de 60 e 70, muito antes da determinação supra citada, período este caracterizado pelo regime militar no Brasil, e tinha como modelo “... um técnico inserido em uma pequena comunidade periférica, identificando lideranças e problemas mobilizadores, criando espaços de debates, apoiando as lutas emergentes e trazendo subsídios teóricos para alargar as discussões locais.”, comenta Eymard Vasconcelos. Este completa dizendo que hoje em dia uma grande parte das experiências de educação popular em saúde estão voltadas para a superação do fosso cultural existente entre os serviços de saúde, as organizações não governamentais, o saber médico e mesmo as entidades representativas dos movimentos sociais de uma lado e, de outro, a dinâmica do adoecimento e de cura do mundo popular. É unindo preceitos básicos criados por Paulo Freire e indo ao encontro da atual tendência dos movimentos sociais de educação em saúde que o grupo de extensão Programa de Educação em Saúde - PES encara mais um ano de trabalho. O grupo tenta superar algumas falhas deixadas e inicia os trabalhos em 2004 com um ambiente acadêmico no curso de medicina em transformação com a implantação de um novo currículo.

Tal currículo, construído para adequar-se às novas diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em medicina, entre outros preceitos define que o futuro egresso deve estar “... capacitado a atuar pautado em princípios éticos no processo de saúde e doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania como promotor da saúde integral do ser humano.” No que diz respeito à atenção à saúde, o novo currículo implementado define que “...os profissionais da saúde devem estar aptos

a desenvolver suas ações tanto em nível individual quanto coletivo” e que “cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para os mesmos”.

Nesta ótica diferenciada que enriquece o novo currículo, o grupo PES também se enriquece com novos integrantes, os quais recebem de sua formação acadêmica embasamento teórico e prático consonante com os princípios adotados pelo grupo, que desde o início estiveram voltados para a “interação com as pessoas, com segmentos sociais e com diversas realidades, com uma visão de mundo obtida pelo constante refletir, compreender e repensar a realidade”, defendidos pela convicção na importância da “multipluralidade de conhecimentos (antropológicos, biológicos, educacionais, sociológicos e da vivência) na formação de um médico capaz de trazer ao paciente não somente restabelecimento da saúde, mas também cidadania, possibilidade de transformações sociais, liberdade, educação – enfim, uma vida fundamentada na dignidade e na eterna busca da felicidade” (PES-2003).

Neste sentido, o grupo posiciona a educação como instrumento de conscientização, libertação e transformação, e que na prática tem como objetivo a construção conjunta do conhecimento a partir da realidade dos jovens adolescentes.

### **Material e Métodos**

Estimulado pelo desejo de avançar um passo além no sentido de envolver mais a comunidade do Saco Grande nos trabalhos do grupo, decidiu-se deslocar o local de atividades para o centro comunitário do bairro – COMOSG. Neste ambiente, organizado e receptivo ao grupo, desenvolvia-se todas as manhãs e tardes da semana atividades (que serão mais detalhadas no decorrer deste texto) com jovens da comunidade em paralelo à atividade escolar e com vínculos em projetos da prefeitura. Além desta, o COMOSG era mantido por doações de iniciativa privada. No novo ambiente, foram oferecidas ao PES as tardes de sexta-feira para interagir com 20 jovens de 10 a 15 anos aproximadamente. Estes eram matriculados no início do ano letivo e deveriam freqüentar as atividades diárias. Por outro lado não agradou ao grupo a limitação do espaço a um número limitado de jovens, fato este devido aos baixos recursos financeiros

do centro comunitário. Mesmo assim, prosseguiram-se os trabalhos, conforme se relata com maior especificidade nos próximos parágrafos.

O reconhecimento do ambiente de trabalho foi mais uma vez necessário depois do ingresso de novos integrantes. Por tanto, visitas de reconhecimento da geografia, organização social, habitação, centro de saúde, escola municipal, COMOSG, sedes religiosas e demais características da comunidade, incluindo os representantes destas instituições e alguns outros moradores foram, aos novos integrantes, familiarizados.

Após esta etapa inicial e dado o início às atividades, encontros semanais – quartas-feiras para planejamento e sextas-feiras para atividades na comunidade – eram realizados. Nestes encontros, seguindo a metodologia básica aplicada no ano anterior na escola municipal, novamente os participantes eram guiados pelas palavras de Paulo Freire, em seu livro *O que fazer: teoria e prática em Educação Popular* – “não há um programa preestabelecido de conteúdos a serem ensinados; no entanto, as pessoas se ensinam umas às outras, elas se medem em atos grupais de conhecimento”.

Dinâmicas de grupo eram realizadas sempre antes de qualquer atividade e tinham a intenção de “esquentar” a turma para uma maior interação entre os acadêmicos e os jovens da comunidade. Nessas atividades o grupo tinha o cuidado de quebrar com a educação bancária (tão criticada por Paulo Freire) recebida nos bancos da universidade e projetada na formas de palestras com a relação mestre-aluno, mas “centrados no diálogo e na troca de conhecimentos entre estes e os extensionistas, construindo um espaço em que as crianças assumiam papel de sujeitos do seu processo de aprendizagem, escolhendo, inclusive, as temáticas que foram trabalhadas nos encontros” (PES-2003).

Realizaram-se interações nas diversas formas e utilizando-se recursos didáticos, como jogos lúdicos, teatros, músicas, filmes e filmagens, recortes e desenhos, saídas a campo, fotografias. Na criação da maquete do bairro, com a intenção de explorar o ambiente geográfico e buscar embasamento histórico, justificou-se a situação atual da região. Juntamente com a maratona fotográfica tentou-se levantar questões referentes ao pertencimento de cada jovem a sua comunidade num micro ambiente e a importância deste num macro ambiente (cidade, estado, país...). Para tal, não foram poupadas as saídas a campo, piquenique e visitas a instituições locais. Com isto, debateram-se assuntos referentes à organização social e o papel de cada um na mesma. No mesmo

sentido, realizaram-se entrevistas com indivíduos moradores da comunidade. Estes encontros separavam os jovens dos entrevistados por meio de um gravador a algumas dezenas de anos, porém os aproximavam cada vez mais com o desenrolar das perguntas e respostas, até não haver mais diferenças. Teatros, jogos interativos, recortes e desenhos foram utilizados para envolver temas como violência, drogas, mídia, política, trabalho, dinheiro, sexualidade, gênero, entre outros com a intenção posterior de sempre suscitar a interação entre o conhecimento científico e o conhecimento popular, complementando-se e frutificando-se em debates críticos e criadores.

Paralelamente a estas atividades, o grupo interessou-se em buscar uma interação maior com outras parcelas da população local, principalmente com os pais dos jovens. Para isso, levantou-se a idéia do varal de fotos e do jornalzinho, ambos a serem expostos na presença dos mesmos, criando assim um novo espaço de interação.

### **Resultados e Análise**

Novamente, neste segundo ano de trabalho do PES, os extensionistas passaram pelos mesmos questionamentos no decorrer do trabalho: “Estariam as ações educativas realizadas pelo grupo no caminho certo? Estariam elas realmente alcançando os objetivos que se propunha? Estariam elas transformando o jeito que aquelas crianças pensavam? E o pensar do grupo, se mantinha o mesmo?” (PES-2003), mas com o avançar das atividades grande parte delas eram sanadas, apesar de criarem-se outras periodicamente.

Antes de qualquer coisa, deve-se salientar o enriquecimento cultural de uma parte dos atores desta história: os extensionistas. Estes evidenciam, melhor do que ninguém, nas suas praticas diárias como acadêmicos e extensionistas, os benefícios desta relação de troca com os jovens. “Quem ensina aprende ao ensinar, e quem aprende ensina ao aprender”, observa Paulo Freire, e desta vez foram os extensionistas recém chegados no grupo que puderam sentir esta afirmação na própria pele. Desta interação, trouxe a eles estímulo a querer continuar neste caminho, o qual irá influenciar a “... conduta enquanto futuros profissionais da área médica, encarando seus pacientes como sujeitos ativos e construtores da história, imersos num meio social e cultural que influenciam – se não determinam – seu pensar, seu agir, seu adoecer, seu solucionar

problemáticas e sua concepção de saúde, passa a ser o desafio da medicina.” (PES-2003).

Lentamente, a desconfiança dava lugar ao bem estar e os outros atores desta história deixavam-se levar ao sabor das atividades e debates. Porém, para chegar a este ponto não foi fácil; houve várias dificuldades encontradas: a presença constante de novos rostinhos nos palcos de nossas atividades em relação direta a falta de outros tantos jovens que começavam a ficar familiarizados criavam certa descontinuidade ao andamento das atividades. Aliado a isto, a carência de orientação ao planejamento pedagógico, limitou a evolução das atividades iniciadas, uma vez que se tratava de uma turma de jovens um tanto dispersos. E não poderia ser diferente, já que estes jovens vivem em meio à violência e a desordem familiar; os encontros no centro comunitário passam a ser a projeção deste cotidiano.

Porém, aos poucos os debates foram criados, interesses surgiram, argumentos nasceram e ilusões desfeitas. Talvez um pouco diferente do esperado as trocas se davam e o destino de certa forma era alcançado. Evidenciou-se o especial interesse às atividades que trabalham com a imagem, podendo ser mais enriquecedora que muitas palavras sem garantia de chegar a todos os ouvidos. Na fotografia, o pensamento toma forma e cores, multiplicando-se toda vez que dois olhinhos curiosos o contemplam. Nesta atitude, tem-se apenas uma certeza: que poderão (os jovens) se reconhecerem após cada foto, pois será uma produção total e legitimamente de cada um deles, mas com a qualidade de poder compartilhar sua visão com quem tiver interesse. E é esta facilidade de comunicar-se com imagens que facilitou a atividade. Outra novidade também atraiu a atenção dos jovens, foi a possibilidade de entrevistar alguém com gravadores e poder ouvir posteriormente. Desta atividade surgiu uma interação muito produtiva. Surpreendente, foi ver o interesse dos jovens na visita à Cidade das Abelhas, presente há muitos anos na comunidade, porém sem nunca ter sido visitada. Outra atividade produtiva foi o piquenique no terreno da propriedade de um senhor morador da comunidade, para quem os jovens diziam ser uma pessoa fechada e inconveniente, mas que se revelou carinhoso e simpático, quebrando com todos os pré-conceitos até então mantidos. O meio ambiente foi mais de uma vez motivo de discussão ao longo dos trabalhos, se já analisado do ponto de vista geográfico, ecologicamente também era

abordado, com jogos interativos e uso de sucata para abordar a importância da preservação.

Atividades programadas a parte, outro ponto importante da convivência com os jovens foram os jogos sugeridos por eles, que uniam na linguagem quase universal da brincadeira os dois grupos de atores daquela interação. O futebol e o vôlei eram a preferência para estes momentos de pura confraternização.

O resultado desta troca ficou sendo, e assim não podia ser diferente, a criação de uma relação empática tanto com a coordenação do COMOSG quanto com os pequenos atores da história, com total reciprocidade, e a certeza que uma semente, por menor que seja, foi plantada em cada indivíduo que pôde participar daqueles momentos. O aperfeiçoamento da conduta crítica e do senso de responsabilidade individual e coletiva serão os frutos a serem colhidos.

### **Considerações Finais**

O desenvolvimento deste trabalho de extensão foi possível graças ao envolvimento de estudantes engajados numa nova lógica de se pensar a medicina. Esforços neste sentido são acumulados desde início do ano de 2002, quando nada ia além do que boas idéias. Com determinação de passar e continuar passando por diversas barreiras, o grupo fecha seu terceiro ano de trabalho com muitas conquistas e algumas decepções. Mantém sempre no grupo a consciência de que não conseguimos atingir com plenitude nossas intenções afirmadas no papel. Conseguiu, porém, consolidar-se como um grupo modelo de extensão, interessados nos mais diversos movimentos sociais. São nestes ambientes, que os acadêmicos do PES, se envolvem e articulam, respeitando ou até mesmo extrapolando as barreiras da academia e invadindo outros ambientes da sociedade. O novo currículo foi fundamental para estimular a participação destes acadêmicos.

Para que tal prática funcione, tanto o trabalho extensionista quando a prática diária como personagem inserido na sociedade, é preciso que os integrantes do PES envolvidos no processo reconheçam o outro como sujeito com seus próprios saberes e também como sujeito histórico. É essencial o diálogo como prática de relacionamento e que tenham a satisfação de viver cada momento educativo como um momento de

celebração, compreendendo que as condições de saúde com as quais nos relacionamos são desiguais, injustas, que produzem doenças e possibilidades de saúde distintas.

Defendendo uma adequação das políticas de saúde e sua prática enquanto serviço oferecido a população, o PES acredita na integração da educação popular na prática e formação profissional de estudantes. Tal opinião vai ao encontro da citação de Eymard Vasconcelos, que vai além, dizendo: “Não queremos continuar vendo as práticas de Educação Popular em Saúde restritas às experiências alternativas e transitórias, mas incorporadas na tradição da atuação sanitária hegemônica. A institucionalização de uma proposta aumenta sua abrangência de atuação e amplia as suas possibilidades.” Ainda acrescenta: “É preciso construir uma tradição de formação de recursos humanos em saúde orientada pela Educação Popular.”

Seguindo esta mesma lógica e problematizada no posto de saúde do Saco Grande, Amaury Ângelo Gonzaga afirma em sua tese de mestrado: “Assim, o itinerário de Paulo Freire, contribui significativamente para as propostas de construção e resgate da cidadania dos atores sociais por se manifestar como um processo de crítica à realidade social. Cabe ainda ressaltar, que esse itinerário, na medida que é adotado na prática dos serviços, deixa de ser um instrumento, método ou referencial de trabalho e passa a se constituir como uma prática da própria vida: a todo o momento estamos ensinando alguma coisa a alguém, através dos discursos, das ações e do próprio modo de viver. Todos nós construímos a história. Todos nós construímos o mundo. Todos nós nos construímos juntos.”

É com contribuições teóricas e práticas como estas que o grupo continua a defender a conduta problematizadora e construtivista no meio acadêmico e em práticas individuais. Desta forma, teorizando e praticando, rompem-se os muros da academia e descobre-se o popular. Sacia-se a fome dos quem tem fome, e, principalmente, aprende-se a plantar e a colher, pois como afirma Paulo Freire “Não há saber mais ou saber menos. Há saberes diferentes.”

## **Referências**

DIREÇÃO EXECUTIVA NACIONAL DOS ESTUDANTES DE MEDICINA.  
*Cartilha do SUS*. Aracaju: Gráfica J. Andrade, 1999.

FALCÃO, Emmanuel Fernandes (org.), *Um Novo Começo*. UFPA, ed. Universitária UFPA, João Pessoa, 2003.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GONZAGA, Amaury Ângelo. *Educação Popular em Saúde: do permitido monólogo da doença às coletivas dialógicas em saúde*. Tese de mestrado em enfermagem, UFSC, Florianópolis, 1994.

MACHADO, Kátia. *A Educação Popular em Saúde tem o poder de tirar o povo do imobilismo*. Revista Tema, Nov/Dez 2001.

MACRUZ, Fernando. *Jogos de Cintura*. Petrópolis: Vozes, 2002.

Minuta de Resolução do Conselho Nacional de Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina*, homologadas pelo Sr. Ministro da Educação em 03 de Outubro de 2001.

NETO, José Francisco de Melo. *Extensão Universitária: Uma Análise Crítica*. João Pessoa: Universitária UFPB, 2001.

PINTO, Heider. *Entre O Banquete e As Migalhas*. Texto produzido para o CENEPES, em Belo Horizonte: 2002.

SANTA CATARINA, Secretaria do Estado da Educação e do Desporto. *Proposta Curricular de Santa Catarina: educação infantil, ensino fundamental e médio – temas multidisciplinares*. Florianópolis: COGEN, 1998.

SOPHIA, Daniela. “Os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo.” Revista TEMA, nov/dez 2001

TELLES, Marcelo de Oliveira. *Vivências Integradas com o Meio Ambiente*. São Paulo: Sá, 2002.

VASCONCELOS, Eymard. *Educação Popular nos Serviços de Saúde*. São Paulo: Hucitec, 1997.

VASCONCELOS, Eymard. *Educação Popular na Atenção a Saúde da Família*. São Paulo: Hucitec, 1999.